

Brasil inverte jogo para negociar dívida

Helival Rios

Brasília vai se transformar, a partir deste mês, em palco de negociação da maior dívida externa do Terceiro Mundo. O governo está em acelerados preparativos para receber, na capital da República, as missões do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do Fundo Monetário Internacional (FMI), além de representantes de 260 bancos privados credores do País. A inclusão de Brasília no ponto de partida do roteiro das negociações da dívida externa brasileira, foi uma das principais exigências feitas pelos negociadores brasileiros e já aceita pelos credores, segundo revelou ao **Jornal de Brasília**, o embaixador Extraordinário para Assuntos de Dívida Externa, Jório Dauster.

Segundo o embaixador, que acompanhou a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, nas suas duas últimas viagens aos Estados Unidos, com o deslocamento dos credores para Brasília o Brasil inverte um sinal importante: "Vamos passar a jogar também em casa, e não somente no campo do adversário".

Comando

Agora, diz Jório Dauster, é o Brasil quem comanda o espetáculo. Nós é que vamos definir os parâmetros básicos da negociação da dívida externa, os princípios, e o fluxo de pagamentos mais apropriado à manutenção do nosso crescimento econômico.

A realização de todas as fases da negociação da dívida externa brasileira no Comitê de Assessora-

mento criado pelos banqueiros, em Nova Iorque, segundo Jório Dauster, foi pouco propícia a um resultado favorável ao Brasil.

"Nós já caímos lá num funil, porque ali estão representados um número relativamente muito pequeno de bancos. Agora, não. Vamos incluir Brasília no roteiro das negociações. Toda a fase de pré-negociação, a que chamamos de **consultas estruturadas** agora, será realizada em Brasília. Não vamos mais sair pelo mundo com um ministério volante. Aqui nós temos todo o nosso corpo técnico, e os nossos melhores recursos, e é aqui o melhor lugar para iniciarmos um bom diálogo" — diz o embaixador.

Convites

Dauster diz que a ministra Zélia vai convidar todos os credores do Brasil para virem a Brasília, individualmente ou em pequenos grupos. Até os bancos menores serão convidados. "Os que não puderem vir, vamos pedir-lhes que mandem-nos suas sugestões por escrito, pois queremos ouvir todos antes de elaborarmos nossa proposta de negociação propriamente dita".

Jório disse ao **Jornal de Brasília** que o governo brasileiro quer saber dos que vierem aqui conversar, por exemplo, quais as opções que escolheram individualmente nos casos das negociações com o México e a Venezuela. Essa fase de negociação será praticamente individualizada, pois o governo tem conhecimento de que há muitos bancos dispostos a aceitar uma redução da dívida, mas são impedidos de fazer isso em função de normas



Arquivo

Para Dauster, o Brasil é que passa a comandar o "espetáculo"

internas fiscais do seu País de origem. "Precisamos conhecer detalhes dessas normas e todas as facetas desses problemas" — assinala.

Embora os credores brasileiros sejam convidados a vir a Brasília para uma fase de consultas, Dauster ressalta que essas consultas incluem também a própria questão da renegociação da dívida.

Após a realização dessa fase de consultas com as entidades oficiais e com os bancos credores é que o Brasil estará pronto a formalizar a sua proposta — diz o embaixador. Assim, a proposta estará essencialmente ligada ao interesse nacional, mas na proximidade daquilo que os bancos podem conceder em termos as legislações internas dos seus países.

Depois da realização dessa fase de consultas é que o governo brasileiro estará em condições também

de definir o formato da negociação da dívida, se é possível realizá-la toda em separado, banco a banco, ou se é preciso fazer alguma agregação para uma negociação final.

Provocações

Jório Dauster não se abala com algumas provocações feitas por alguns banqueiros estrangeiros, que apontam a atual equipe de negociadores do Brasil como perdida, sem saber ainda o que quer.

"Quando retornamos ao Brasil da última viagem Nova Iorque, onde a ministra Zélia foi proferir uma palestra para empresários a convite de David Rockefeller e aproveitou a viagem para rápidos contatos com banqueiros que nos procuraram, encontrarmos os jornais cheios de notícias de que as negociações foram muito duras. Falavam das expressões faciais dos banqueiros ao saírem da reunião.

Evidentemente, que do ponto de vista jornalístico, pode ser importante a leitura de expressões faciais. Mas é bom colocarmos as coisas nos seus devidos lugares" — afirma.

"Os encontros que realizamos em Nova Iorque — prossegue Dauster — tinham duração de meia hora, e transcorreram num clima de muito respeito e muita cordialidade. E se fosse diferente, não teria havido reunião nenhuma. Boa parte desses encontros foi dedicada a prestar informações sobre o plano de estabilização econômica".

"Mas a nossa equipe sabe o que quer, sim" — diz o embaixador. "Nós temos uma política, temos objetivos e logo saberemos até quanto poderemos pagar. Entretanto, talvez os nossos objetivos não sejam os mesmos dos banqueiros, e isso é muito bom. Não temos ainda uma proposta, porque queremos ouvir muito, antes de formulá-la, pois queremos uma proposta realista, que não caia do vazio, como as anteriores".

Teatro

Jório Dauster diz que algumas alfinetadas nos negociadores brasileiros vão sempre ser desferidas pelos banqueiros, valendo-se da grande ansiedade da imprensa brasileira por notícias sobre a negociação. "Essas manifestações à imprensa são parte de um teatro. Toda negociação envolve um grande jogo de cena. Isso faz parte do negócio".

Mas é errôneo, segundo Jório Dauster, achar que os bancos estrangeiros querem tirar o máximo do Brasil a qualquer custo. "Eles sabem que um sistema de paga-

mento que nos leve à estagnação não daria certo. Esses bancos têm agências e têm negócios no Brasil, e não estão pensando em ir embora. Portanto, interessa a eles o nosso futuro e o nosso desenvolvimento" — afirma.

Jório não acha que o Brasil seja um devedor que apavora em termos de volume de débito. "Nós devemos US\$ 115 bilhões de dólares, mas incluídos aí os débitos com as instituições oficiais (FMI, BID, Bird, Clube de Paris etc) e os créditos de curto prazo. A dívida de médio e de longo prazos com os bancos privados estrangeiros é de US\$ 60 bilhões, cerca de 15% do PIB (Produto Interno Bruto). Isso não causa nenhum alarde, quando sabemos que há países que devem mais que o seu PIB".

Jório acha que há boas perspectivas para a realização de uma boa negociação da dívida externa brasileira. E acha que o ciclo de visitas a Brasília que será aberto este mês vai fortalecer essa convicção. Primeiro, virão a Brasília as missões oficiais do Banco Mundial, do BID, (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e do FMI. Depois, virão os credores privados. Essa transferência de cenário no roteiro das negociações — raciocina — foi um lance de grande importância, e que ninguém ainda percebeu.

Para receber os credores externos do Brasil em Brasília, uma grande equipe técnica está trabalhando, há três semanas, preparando dados orçamentários do governo (União, estados, municípios) e referentes às contas nacionais (balanço de pagamentos, produção industrial, agrícola etc).